

# MAURICIO DE ALMEIDA ABREU: MESTRE E PESQUISADOR, INSPIRADO E INSPIRADOR

MARCELO LOPES DE SOUZA  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
mlopesdesouza@terra.com.br

Convivi com Mauricio de Almeida Abreu por quase trinta anos, sempre no Departamento de Geografia da UFRJ: primeiramente, na qualidade de seu aluno, no início dos anos 80; depois, entre 1986 e 1988, na condição de seu orientando de mestrado; por fim, desde 1994, como seu colega de Departamento. A despeito da amizade que me unia a ele, gostaria de ressaltar, nos parágrafos que seguem, não o Mauricio do convívio privado, mas sim aquele que serviu, para mim, como uma das mais importantes fontes de inspiração profissional para a minha carreira, apesar de termos interesses temáticos distintos.

Mauricio de Almeida Abreu foi um pesquisador metuculoso e, pode-se dizer, incansável. Em meio a uma era de “produtivismo” crescente e de desleixo cada vez maior, em que artigos e livros são escritos descuidadamente e publicados aos borbotões, sem fundamentação consistente, apenas para “engordar” o currículo, ele era um exemplo do comportamento oposto: dedicava-se conscienciosamente a coletar os dados, a checar e comparar as fontes, a elaborar ou supervisionar a elaboração dos mapas; e, por fim, o texto – e que texto! Uma prosa elegante, bem cuidada, límpida. O texto de alguém que, como poucos hoje em dia, conhecia e cultivava a língua portuguesa e o bom estilo. Assim, não só pela iconografia – bela e abundante –, mas também pelo próprio texto, ler um livro ou artigo de Mauricio era e é, sempre, fonte de deleite intelectual, mais do que de simples informação.

Contudo, em uma época em que tantos docentes negligenciam suas orientações e suas turmas, esquecendo suas responsabilidades como professores, talvez seja ainda mais essencial, do ponto de vista ético, lembrar o quanto Mauricio era um professor apaixonado pela sala de aula e respeitoso com seus alunos

e seus orientandos. Seus livros e seus artigos seguirão dando um testemunho de sua excelência como pesquisador; mas suas qualidades como professor dependem do depoimento e da memória de seus muitos alunos e orientandos, e a nós cabe sublinhar esse traço tão fundamental da sua personalidade. Ele se via, efetivamente, como um educador: ou seja, como alguém que, em sala de aula, não se limita a despejar conteúdos sobre os estudantes, sem se importar com a forma ou com o efeito que isso terá. Lembro-me de como ele buscava diversificar os tipos de dinâmica de aula, recorrendo até mesmo a “encenações teatrais” (sociodramas) organizadas com o auxílio dos próprios alunos da graduação, para facilitar a exposição e o debate de certos conteúdos. E, se seu texto era uma unanimidade, em matéria de elegância e correção, não menos o era a sua exposição oral, em aulas ou palestras: sem precisar recorrer a piadinhas vulgares ou sem se comportar como um político em um palanque, Mauricio prendia a atenção de seus ouvintes pela importância e beleza dos assuntos sobre os quais discorria, pela clareza de sua exposição e pela consistência de seu raciocínio. Não era um “animador de auditório”: era um professor, inspirado e inspirador.

Por último, mas não com menos importância, considero relevante lembrar o quanto Mauricio foi, para além disso, no cotidiano – nem sempre fácil – de uma instituição universitária brasileira, um exemplo superlativo de solidez moral. Sempre discreto, conseguia manter-se à distância das intrigas e picuinhas que tanto corroem e em nada contribuem para o trabalho intelectual digno de nota. Não se furtava aos debates, não se abstinha de se posicionar, mas o fazia sempre de modo ponderado e respeitoso. Por essa razão, e não somente por sua estatura profissional, era, em contrapartida, respeitado, mesmo por aqueles que nem sempre entendem a importância de se respeitar os colegas.

Sobre esses fundamentos, e com esse estilo quase ímpar, Mauricio de Almeida Abreu construiu uma carreira das mais relevantes – e sem agredir, sem afrontar, sem explorar, sem iludir. Ao criticar, era firme, mas suave o bastante para não magoar; ao elogiar, incentivava sem parecer piegas. Exerceu cargos administrativos com a discrição e a retidão com que um verdadeiro intelectual deve encarar tais missões: senso de dever institucional e desejo de criação de oportunidades coletivas (basta pensar na biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Geografia, a qual, se é hoje uma das melhores do país, o é sobretudo graças às suas iniciativas). Nunca buscou aquilo que, hoje em dia, tantos e tantos buscam: o “poder” de, a partir de um cargo administrativo, influenciar,

com a pequenez de um burocrata, coisas pequenas, mais prejudicando que beneficiando a instituição. Em tudo e por tudo, foi ele um exemplo de como a verdadeira grandeza não convive bem com a mania de grandeza, e de como o verdadeiro intelectual não se confunde, jamais, com o burocrata, com o charlatão ou com o exibicionista vulgar.

Um exemplo não apenas para ser “lembrado” – mas sim para ser, com a modéstia que cabe, seguido. Ao contrário do que diz o adágio popular, não é verdade que “ninguém é insubstituível”. Nos tempos e nas condições de hoje, não é exagero dizer que Mauricio de Almeida Abreu é insubstituível. No entanto, a carreira de um tal mestre e pesquisador, tão inspirado e inspirador, pode e deve ser tomada como parâmetro por todos aqueles que quiserem levar a sério a diferença entre brilhar sem e com aspas, entre ter grandeza ou apenas esperteza. Sem pretendermos substituí-lo, podemos, porém, nos deixar por ele inspirar...

28 de junho de 2011.